

**Gestão de Negócios**

*\* Lara Moraes é analista do Centro PwC de Inteligência em Agronegócio e bacharel e mestre em Economia pela UNESP/Araraquara em Agronegócio da PwC*



*\*\* Luiz Albino Barbosa é mestre em Agroenergia pela Esalq-USP/Embrapa/FGV, bacharel em Relações Internacionais pela FAAP e coordenador do Centro de Inteligência em Agronegócio da PwC*

# A revolução do *shale gas* e os impactos no setor sucroenergético

\*Lara Moraes

\*\*Luiz Albino Barbosa

A concorrência com outras fontes de energia é uma das dificuldades para a consolidação do etanol na matriz energética brasileira. Essa competição por mercados é um tema que, muito provavelmente, deverá ganhar mais destaque nas discussões que envolvem o setor sucroenergético. Tudo indica que, em decorrência das novas tecnologias, a exploração de outras fontes de energia se torne viável comercialmente. É o caso, por exemplo, do pré-sal e do *shale gas*, que prometem aumentar a oferta de petróleo e gás e dar novos direcionadores para o mercado mundial.

O pré-sal é uma área de reserva de petróleo e gás natural localizada cinco a sete mil metros abaixo do nível do mar. Para chegar ao pré-sal, é necessário ultrapassar uma camada de água (oceano) de cerca de dois mil metros, uma camada de mil metros de sedimento, conhecida como pós-sal e, por último, a própria camada de sal, de aproximadamente dois mil metros. No Brasil, o pré-sal se estende

pelo litoral do Espírito Santo a Santa Catarina. São 800 quilômetros de comprimento e 200 de largura.

Não se sabe ainda o potencial exato do pré-sal brasileiro. No entanto, as estimativas apontam que o Brasil terá capacidade de se tornar um dos dez maiores produtores e exportadores de petróleo e derivados do mundo, com a possibilidade de entrar para a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).

A tecnologia também permitiu a descoberta de enormes reservas de gás natural não convencional nos Estados Unidos, o chamado *shale gas* (ou gás xisto, em português). O *shale gas* se encontra em rochas impermeáveis ou de baixa permeabilidade. Diferentemente do gás natural convencional, este gás fica aprisionado nas rochas, o que dificulta e encarece a sua extração. No entanto, as novas tecnologias desenvolvidas pelos Estados Unidos, pioneiro nesta atividade, estão permitindo a extração do *shale gas* e viabilizando-o economicamente.

O recente estudo divulgado pela Energy Information Administration (EIA) mostrou que, no ano de 2000, os Estados

Unidos produziram 0,3 trilhões de metros cúbicos de *shale gas* e, em 2012, a produção norte-americana foi de 31 trilhões. Apesar do aumento significativo, os Estados Unidos têm capacidade para produzir 203 trilhões de metros cúbicos por ano, utilizando as tecnologias disponíveis nos dias de hoje.

Segundo o EIA, além dos Estados Unidos, 41 países também têm capacidade de produzir o *shale gas* em escala comercial. Nesses países, foram identificados 65 bacias e 137 pontos de formação do gás. O Brasil está na 10ª posição no *ranking* dos países com maior potencial de produção. Com a tecnologia já desenvolvida até o momento, o Brasil teria capacidade para produzir 75 trilhões de metros cúbicos de *shale gas* por ano.

Assim, com o aperfeiçoamento das tecnologias, o pré-sal e, principalmente, o *shale gas* têm potencial para impactar diretamente nos preços do petróleo e do gás natural no Brasil. Isso afetaria diretamente o setor sucroenergético, uma vez que a diminuição dos preços do petróleo reduziria o preço da gasolina. Não se pode esquecer que o perfil dos consumidores bra-

sileiros é de alta sensibilidade em relação aos preços, ou seja, eles modificam suas preferências por menor que sejam as oscilações nas cotações dos combustíveis. Além disso, no Brasil, a cultura ecológica de consumir um combustível menos poluente em substituição a um combustível proveniente de uma fonte de energia não renovável ainda não está consolidada. Portanto, o fato é que os preços falam e falam mais alto e a chamada “Revolução do *Shale Gas*” mudará a perspectiva do consumo e produção de energia no Brasil.

O desafio da indústria é oferecer o etanol a um preço competitivo capaz de enfrentar a concorrência com outras fontes de energia e, assim, obter margens de lucro satisfatórias. Porém, a busca por boas margens não está atrelada apenas a bons preços, mas ligada, também, à busca por menores custos de produção. Se-

gundo o PECEGE [Programa de Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas da ESALQ], nas últimas seis safras, os custos de produção agroindustriais do setor tiveram um aumento de 9% na região tradicional e 7% na região de expansão.

Caberá ao setor minimizar esses impactos através da gestão de custos, gerenciando o orçamento a fim de ter maior previsibilidade e assertividade nas tomadas de decisão e no fluxo de caixa. Ademais, a qualidade da informação é fundamental para otimizar os recursos, o que torna importante a implementação de controles e processos automatizados que garantam o *timing* e consistência das informações de custo, isto é, saber o quanto de fertilizante, por exemplo, foi aplicado por hectare, o custo da operação e a certeza da informação em tempo real.

Gerenciar estoques também pode

ser outra saída para melhor gerir os custos. Dados apontam que, no segmento sucroenergético, é possível encontrar resultados acima de 30% do nível adequado de estoque para atendimento das demandas internas. Entre os principais itens de relevância, destacam-se agroquímicos, insumos de equipamentos agrícolas e lubrificantes automotivos. Isso demonstra que o setor ainda possui importantes oportunidades de redução de gastos apenas com o melhor controle dos estoques.

Fatores externos, como a concorrência com outros produtos e países, estarão sempre presentes nas economias emergentes, especialmente no Brasil. O setor sucroenergético tem que se preparar e dedicar-se às questões estratégicas ligadas à gestão e competitividade, já que os tempos são de mudança e inovação no Brasil e no mundo.